FPT

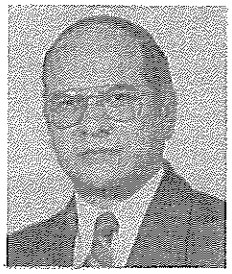
boletim
da Federação
Portuguesa de Tiro

NÚMERO 3/4
JULHO/AGOSTO
1988

XXI Torneio Ibérico

Walther ou Fein?

Entrevista com Pedro Paredes



Editorial

Pierre de Coubertin — Juan António Samaranch

— Subjacente ao quadro, um percurso, insinuações, um convite à análise sobre a evolução conceitual ou sobre a prática do Olimpismo.

Idealismo, ingenuidade, purismo, cor, música, poesia, espectáculo, assombro!...

Sonhos de Glória!... Homens e mulheres que sonham com a deificação fátua, homens e mulheres que professam a perfeição, que se sacrificam à sublimação máxima das suas potencialidades, que procuram ultrapassar-se. — E porquê? — Com que objectivos? — Vaidade? Ganância? Política? — Não. Pela Glória. É isso! Essa Glória encenada num ambiente de ovações entusiásticas, de música, de cor, aplausos imensos, autêntica entronização, verdadeiro prémio para a alma desses «deuses» vitoriosos!... Glória simbolizada na antiga Grécia pela coroa de ramos de oliveira brava e materializada pela entrada triunfal dos atletas nas suas cidades onde viriam a ser cumulados de honrarias. Glória simbolizada hoje, pelo ouro das medalhas e materializada pela entrada triunfal nas cidades de todo o mundo através dos *mass media* e cumulados com contratos chorudos e entrada no *jet set*.

Poderá parecer chocante apresentar esta faceta num quadro tão triunfal, mas... no melhor pano cai a nódoa!...

E quando lemos nos escritos antigos que «os atletas vitoriosos eram cumulados de honrarias nas suas cidades», não quererá isto dizer o mesmo que «contratos chorudos e entrada no *jet set*» nos dias de hoje? — Entendemos isto como uma consequência natural da conquista da glória, não queiramos que os campeões olímpicos sejam deuses de facto, contentemo-nos com a sua condição de deuses fátuos, não lhe recusemos o estatuto da condição de mortal. O seu esforço, os seus ideias, o seu comportamento na conquista das suas vitórias não podem ser prejudicadas pelo usufruto consequente.

E se, no contexto Olímpico, olharmos o atleta e esquecermos as organizações, não teremos que chamar de ingénuo o barão Pierre de Coubertin, nem considerar perplexos Hércules e Pélops, lá nos confins do tempo.

Título: BOLETIM DA FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE TIRO
Propriedade: Federação Portuguesa de Tiro
Rua Luís Derouet, 27, 3.º Esq. — Tel. 65 96 06 — 1200 Lisboa
Director: Ten.-Cor. António Loureiro Costa, Pres. da Direcção da FPT
Director Técnico: José Loureiro
Depósito Legal N.º 22052/88

Fotografia: Paulo Mendonça
Publicidade: Ana Cintra
Fotocomposição, impressão e acabamento: Beira Douro, Lda. — 1500 Lisboa
Preço de Venda ao Público:
Avulso: 100$00 — Assinatura anual: 1000$00
Periodicidade: mensal

XXI Torneio Ibérico (Lisboa, 19 a 23 de Maio 88)

É sempre difícil organizar uma competição internacional. Mas, em relação ao Torneio Ibérico, cuja 21.ª edição coube este ano a Portugal organizar, parece que o peso da responsabilidade aumenta. É que se trata de receber o povo que connosco partilha esta velha península; que agora, séculos de história volvidos, trilha o mesmo percurso em busca do progresso e da consolidação da democracia; que é, sempre foi e há-de ser como um irmão com quem por vezes há desentendimentos, mas que os laços de família acabam por ultrapassar.

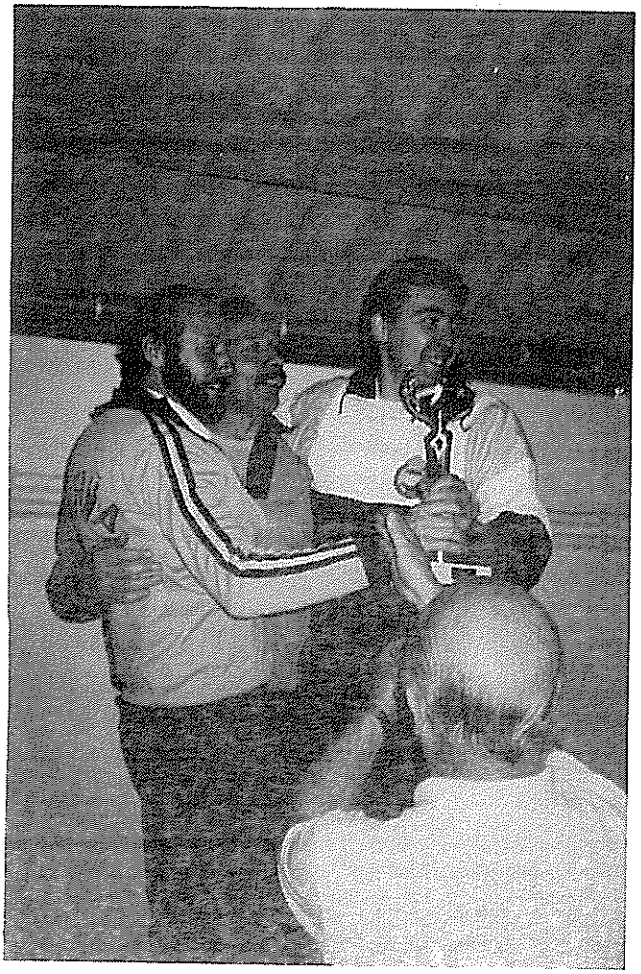
A rivalidade vai-se convertendo no confronto suadável de desportistas de ambos países que apenas querem fazer o seu melhor — e conseguiram-no amplamente se atentarmos na queda de vários «records».

*

A organização do torneio começou meses antes. Foi criado um organograma com os vários pelouros (direcção técnica, protocolo, secretariado, relações públicas), responsáveis perante o Presidente da FP Tiro pelas várias tarefas que lhes foram confiadas, e um «timing» ajustado às necessidades de organização.

É claro que, à boa maneira portuguesa, sempre houve quem metesse a foice em seara alheia... mas a directiva inicial funcionou como previsto, incluindo as falhas: é que a Direcção da FP Tiro é nova, a Comissão Nacional de Juízes de Tiro (CNJT) idem e esperavam-se algumas dificuldades designadamente com a mudança de alvos nas provas de 60 D e 3×40. Problema que, aliás subsistirá enquanto os Clubes, única «mão d'obra» disponível, não entenderem este aspecto como uma forma de apoio ao tiro desportivo, apoio este que é também razão do seu reconhecimento de pública utilidade.

De qualquer forma, pode-se dizer que tudo correu bem — *quase perfeito*, como afirmou Gerardo Hernandez Bobadilla, director técnico da Federação de Tiro de Espanha, o que é um motivo de justo orgulho para todos nós, portugueses, para o tiro nacional em geral e muito particularmente, para todos os que colaboraram na organização, sem esquecer a direcção e os funcionários da Carreira de Tiro do Estádio Nacional.



Esta edição do Torneio Ibérico teve algumas novidades: a distribuição de prémios foi feita logo após as provas a que diziam respeito, pondo fim ao tormento das horas intermináveis de imposição de medalhas durante o jantar de confraternização, sem o entusiasmo que uma prova ainda «fresca» põe no rosto dos concorrentes.

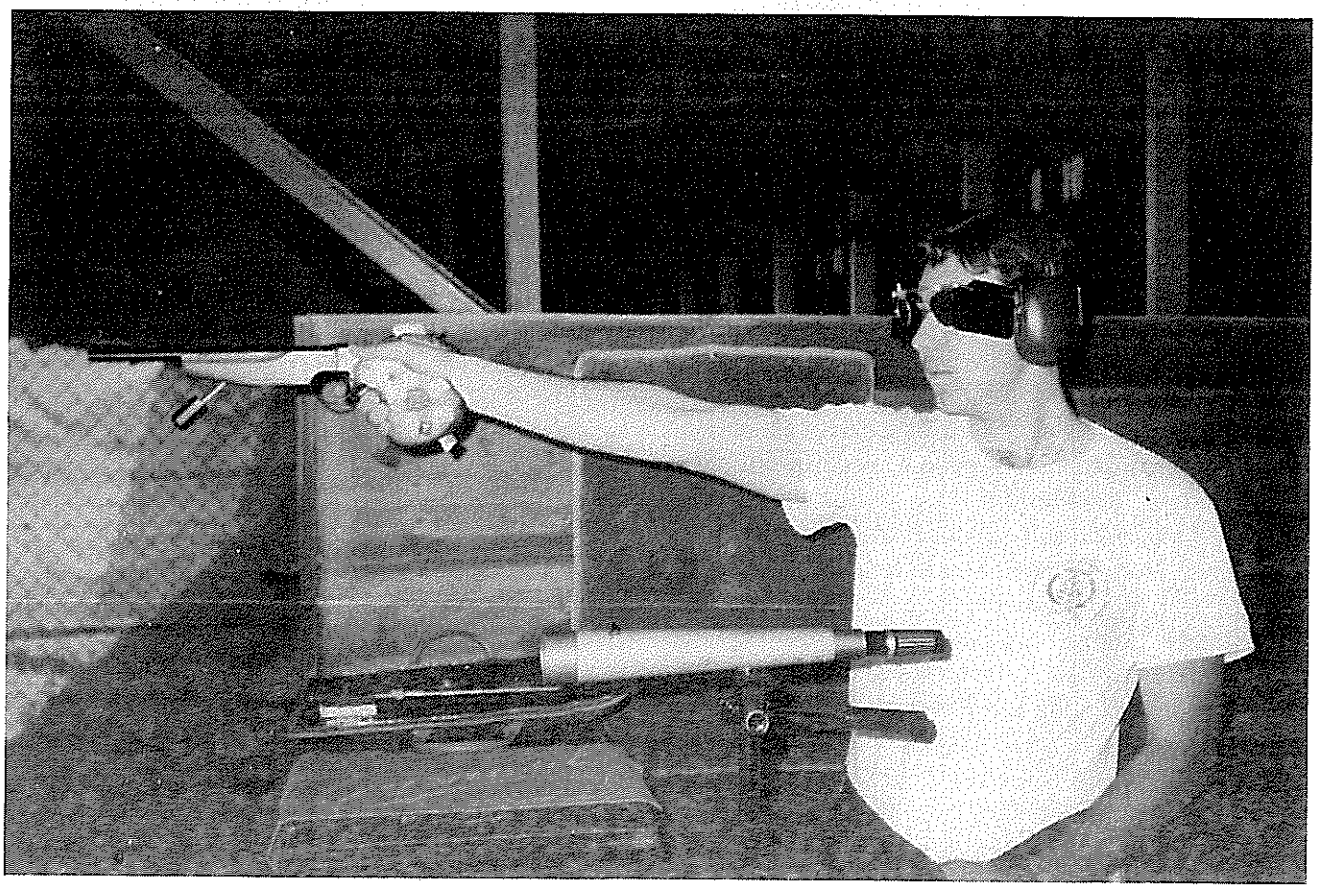
Foi também distribuído pela primeira vez um diploma de Campeão Ibérico aos vencedores das provas o que, entre outras coisas, provocou o comentário seguinte do Secretário-Geral da Federação de Tiro de Espanha, Salvador Jara Cantos: *as coisas boas devem-se copiar, e esta é uma delas.*

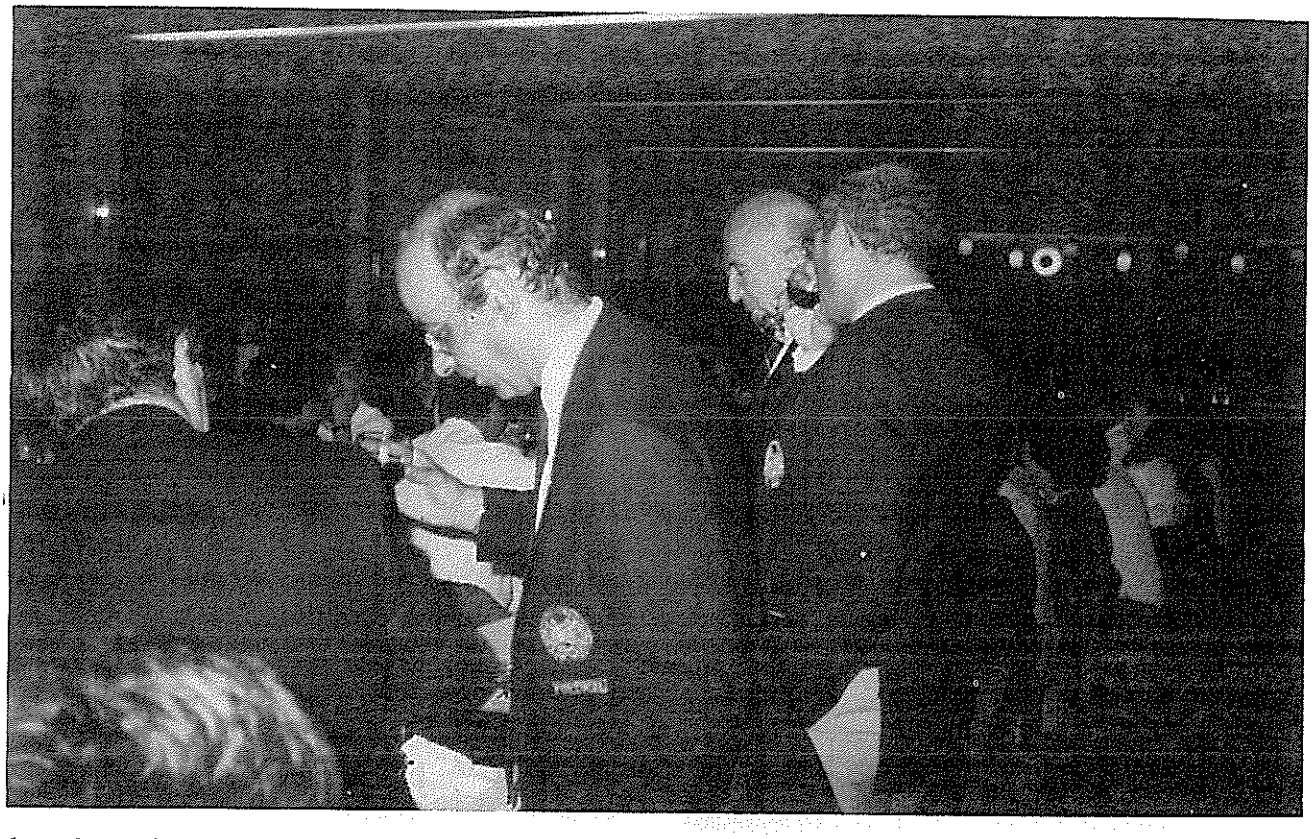
Outra novidade foi a apresentação da CNJT — o que por si já era importante — trajada com a dignidade que uma competição internacional reclama. Os casacos vermelhos, como é tradição internacional nos juízes de tiro, acabaram por ajudar a criar uma atmosfera de confiança que poderá ter contribuído, de alguma forma, para que os atiradores se sentissem bem, e daí o sucesso em termos desportivos.

*

Analisando os vários sectores da organização com algum detalhe, diremos que a parte técnica esteve bastante bem, com as provas a começarem rigorosamente à hora marcada e os resultados a saírem quase imediatamente após o último tiro — o que é fundamental para que os concorrentes se sintam tranquilos e possam dar o seu melhor rendimento.

O Secretariado funcionou da melhor maneira possível, estabelecendo a ligação com a direcção técnica no que se refere a apresentação de minutas, listas de concorrentes, etc., ao mesmo tempo que os resultados eram dactilografados e enviados para a Sede, para a feitura





do caderno de resultados que, no final, foi distribuído. Ou, dizendo de outra maneira, enquanto na «frente» Ana Isabel Cintra resolvia os problemas directamente ligados à competição, a «retaguarda» era coberta por Maria Matilde Vicente.

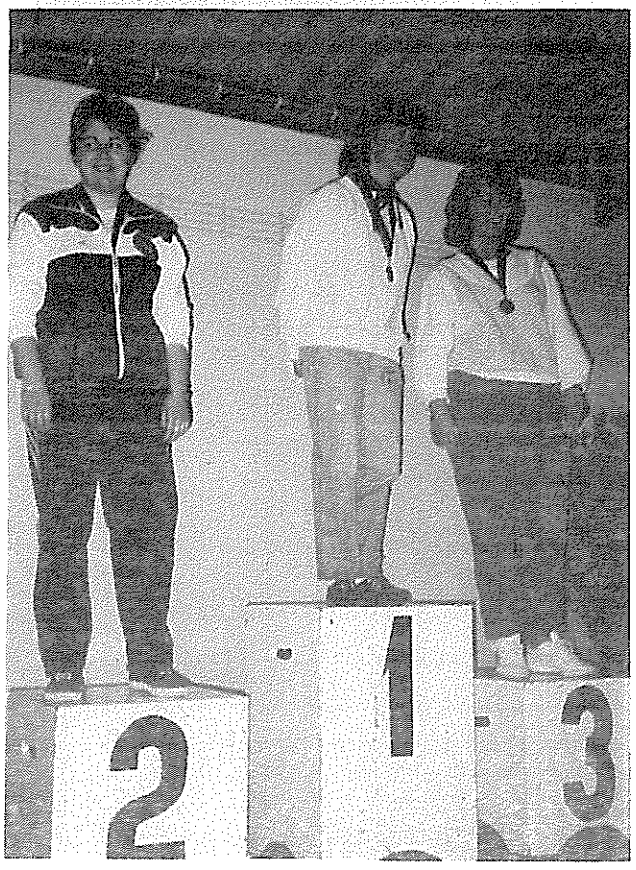
Pelo protocolo, melhor falariam aqueles a quem se dirigia: os componentes da delegação espanhola, salvo erro a maior de sempre com cerca de 40 pessoas, entre dirigentes e atiradores. Mas Guilherme Chitas tem uma sensibilidade especial para este tipo de problemas e podemos afirmar que tudo correu bem.

Também o sector de relações públicas, com duas vertentes (prémios e OCS) trabalhou bem, considerando a dificuldade de penetração que o tiro desportivo ainda tem nos mass-media. E terá, enquanto persistir um certo espírito malfazejo dos que conotam o tiro desportivo com actividades belicistas ou dos que — e isso é pior — sabendo que assim não é, nada fazem para contrariar essa imagem.

Em resumo, pode-se considerar um êxito a organização da 21.ª edição do Torneio Ibérico. Falta apenas uma palavra de louvor para aqueles a quem, afinal, o torneio se dirige: os atiradores.

A camaradagem que reinou do princípio ao fim, a correcção de todos eles e o empenhamento que puseram na sua actuação foi de facto a chave do sucesso.

Quanto aos resultados, que incluímos sob o título «Vamos a contas», os números falam por si: ainda estamos longe das «performances» que desejaríamos, mas já vamos botando figura e uma análise atenta dos resultados evidenciará um nivelamento muito razoável na maior parte das disciplinas, e até alguma má sorte em duas provas com o mesmo resultado por equipas, que o regulamento decidiu a favor de Espanha.



Pelo seu grande interesse e pelo colorido da descrição, entendemos transcrever na íntegra a carta recebida do Secretário-Geral da Federação Espanhola de Tiro Olímpico, Salvador Jara Cantos, sobre o Torneio Ibérico/88.

Barquillo, 21
Madrid-4

Madrid, 23 de Junio de 1.988

Federación Española de Tiro Olímpico
El Secretario General

XXII TORNEO IBERICO

Mi buen amigo, el gran tirador y compañero de armas, Teniente Coronel Loureiro, me ha pedido que le envíe un artículo sobre el recientemente celebrado XIX Torneo Ibérico, que tuvo lugar en Lisboa, cosa que hago con sumo gusto además de ser un honor para mí, colaborar con la Revista Informativa de Tiro de la Federación Portuguesa.

Empezaré por contar la primera incidencia que está relacionada con el viaje hacia Lisboa, a donde llegamos alrededor de las 12,30 horas p.m. El conductor de nuestro pullman se desorientó y empezamos a dar vueltas por las calles de Lisboa, sin que pudieramos encontrar la calle del Hotel que nos había reservado la Federación Portuguesa de Tiro. Afortunadamente nuestro Director Técnico, que además es radio-aficionado, sacó de su bolsa de viaje un pequeño pero potente WALKIE-TALKIE y empezó a hacer llamadas a los radio-aficionados portugueses, hasta que por fin pudo ponerse en contacto con uno de ellos al que le explicó la situación en que nos encontrábamos, el cual con gran habilidad fue dirigiendo a nuestro pullman, como si se tratara de un controlador aéreo, hasta encontrar el Hotel en donde ya hacía tiempo nos esperaban nuestros amigos los directivos portugueses para darnos la bienvenida. DEsde esta revista quiero enviar mi agradecimiento a ese radio-aficionado lisboeta anónimo.

Pero pasando ya al tema deportivo, quiero señalar la agradeble sorpresa que nos produjo al llegar al Campo de Tiro y ver el stand de 25 m. totalmente transformado, en donde se ha plantado un maravilloso cesped, que cuidan con esmero, y se han construído unos parabalas, que han mejorado considerablemente las condiciones técnicas de esa galería de Tiro.

Aunque no voy a tratar de clasificaciones ni de puntuaciones, pues supongo que eso lo hará la Federación Portuguesa, si quiero dejar de manifiesto que este año la confrontación deportiva ha tenido un nivel importante, hasta el punto de haberse batido varios records nacionales, tanto portugueses como españoles. En este sentido hay que decir que el equipo portugés tuvo la baja de algunos de sus mejores tiradores, por habérselo impedido sus obligaciones militares. Pero ya que hablamos de records, hay uno muy especial y es el del número de tiradores que presentaba España, que ascendió a 37.

Otra gran sorpresa, ésta muy agradable, fue comprobar la creación del equipo de árbitros cuya actuación, como siempre fue correcta y honesta. Todos estos pasos que está danto la Federación Portuguesa a nivel técnico, ponen de manifiesto el interés de la misma por perfeccionar su estructura, y no dudo que obtendrá sus resultados positivos en breve plazo.

Algo parecido ocurre con los entrenadores, de los que hemos carecido tanto portugueses como españoles durante muchos años. Ahora en España tenemos uno de Pistola y otro de Carabina y las noticias que tengo es que la Federación Portuguesa también tiene ya nombrados sus entrenadores. Creo que es la mejor noticia que puede darse ya que la labor de los entrenadores también tendrá sus frutos prontamente. A este respecto todavía tengo en mi recuerdo las memorables fechas del Campeonato de Europa de Juniors celebrado en Budapest, en donde fui emocionado testigo del gran éxito del equipo portugués que consiguió de la nada, debido al esfuerzo de un entrenador, nada menos que un Campeón de Europa individual y un Subcampeonato por equipos. Como todos sabeis me estoy refiriendo al Equipo Junior de Carabina Tendido.

Por último quiero hacer una referencia a la presencia cada vez más numerosa en los Torneos Ibéricos de los tiradores juniors, algunos de ellos jovencísimos y que son toda una esperanza para los futuros equipos de Tiro de Portugal y España.

Y no quiero terminar estas lineas escritas todas ellas con el corazón, sin agradecer al Presidente de la Federación, Excmo. Sr.D. Antonio Laureiro Costa y a toda su directiva las atenciones tenidas por el equipo español desde el día de nuestra llegada hasta el día de la despedida así como a los propios tiradores y sus familias a los que me une ya antigua amistad y que hicieron que mi estancia en Lisboa fuera lo más agradable posible. Hasta pronto amigos.

José Pedro Paredes

José Pedro Paredes, 39 anos, técnico de estatística na EDP, responsável pela Secção de Tiro do Clube do Pessoal da EDP de 1981 a 1987 e praticante de tiro de espingarda. Actualmente Presidente da Comissão Nacional de Juízes de Tiro, razão para que tenha sido escolhido para entrevistado do mês.

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE TIRO — Há um ano atrás esta entrevista seria irrealizável pela simples razão de que a Comissão Nacional de Juízes de Tiro (CNJT) não existia. Queres historiar esta questão?

PEDRO PAREDES — A Federação Portuguesa de Tiro os responsáveis pelos Clubes e os próprios praticantes de há muito que vinham sentindo a necessidade de se estabelecerem critérios únicos e uniformes, conduzidos por pessoas devidamente credenciadas, para a direcção e classificação das competições de tiro nas suas diversas disciplinas. Daí a necessidade de se formarem Juízes e Árbitros de Tiro, a exemplo alías do que acontece noutros países donde esta modalidade desportiva tem uma implementação significativa.

F.P.T. — Então, até aí, como e por quem eram dirigidas as competições de tiro?

P.P. — As competições eram normalmente dirigidas pelos responsáveis das entidades organizadoras das provas ou por praticantes que apesar do seu bom senso e da sua própria experiência teriam por vezes interpretações de certo modo pessoais dos regulamentos da UIT — que servem de base a todas as competições de tiro desportivo — com todos os inconvenientes que de aí poderiam advir. Eu próprio, como dirigente da Secção de Tiro do Clube do Pessoal da EDP organizei várias provas, sentindo todavia que os Regulamentos podiam estar a ser involuntariamente desvirtuados em alguns pormenores eventualmente importantes. Parece-me por demais evidente que estas situações não seriam, em última análise, justas para os próprios atiradores, dado que não eram garantidas condições de igualdade em todas as competições organizadas por entidades diversas embora as pontuações nelas obtidas poderem vir a determinar atiradores seleccionáveis para outras provas. Consciente estes factos, foi portanto com agrado que aceitei o convite para o primeiro curso de juízes/árbitros de tiro efectuado pela FPT.

José Pedro Paredes

FPT — Um curso, seja de Juízes de Tiro ou de qualquer outra matéria não é em princípio definitivo nem exaustivo...

P.P. — É verdade! Durante o curso foram abordados os Regulamentos gerais e Específicos de cada disciplina, servindo fundamentalmente para esclarecer dúvidas e da sua forma de aplicação. É claro que, como atirador de espingarda nunca me foi particularmente difícil dirigir uma prova desta disciplina, o que não acontecia nem acontece com uma prova de pistola, onde surgem, por exemplo, com alguma frequência, avarias nas armas que compete ao Juiz qualificar de admissíveis ou não, de acordo com o estabelecido nos respectivos Regulamentos, com as correspondentes consequências. Daí que entenda a necessidade de serem feitas reciclagens e até cursos específicos para cada uma das armas e, num futuro que se crê próximo, da disciplina de alvos correntes (Javali).

FPT — Mas um Juiz de tiro não se limita a saber aplicar os Regulamentos, não é assim?

P.P. — De facto, a actividade dos Juízes de Tiro tem duas vertentes que eu considero de igual importância; a aplicação dos regulamentos por forma a garantir que todos atirem nas mesmas condições, não permitindo quaisquer atitudes contra o «fair-play» que deve nortear a toda a manifestação desportiva, mas também — e o que é específico desta modalidade — que as competições se desenvolvam dentro de estrictas normas de segurança, quer para os praticantes quer para os oficiais das carreiras de tiro quer para os espectadores. Não nos podemos esquecer de que o tiro se faz com armas de fogo...

FPT — Ficámos razoavelmente esclarecidos de como surgiram os Juízes de Tiro e da sua evidente necessidade. Mas os Juízes, quase imediatamente após o curso, constituiram-se em Comisssão Nacional. Como foi isso?

P.P. — A criação de Juízes de Tiro não podia ficar pela sua simples credenciação. Havia necessidade de lhes conferir legitimidade através de poderes estatutários, avalizada pela própria FPT e que permitissem a sua actuação sob critérios de uniformidade e de escalonagem individual para as provas para as quais fossem chamados. Assim, todos os elementos que frequentaram o curso constituíram-se em «corpo de Juízes» e, em reunião plenária, elaboraram e aprovaram o seu Estatuto. Penso que é importante chamar a atenção para o facto de que este Estatuto não foi «inventado», pelo contrário foi feito segundo moldes existentes na maior parte das modalidades desportivas onde foi inspirar-se, adaptando-se à sua especificidade. O passo seguinte foi, logicamente fazer aprovar o Estatuto pela Direcção da FPT.

FPT — Estamos portanto neste momento, em termos de estruturas, no bom caminho...

P.P. — Sim. A CNJT, a par de outras estruturas federativas que se foram entretanto criando, conferem à modalidade um cariz de legitimidade que é importante e já aceite pelos próprios Clubes, que a ela vêm recorrendo, citando a título de exemplo os Torneios organizados pelo GCP, ST2 e EDP, para cuja arbitragem condução e classificação a CNJT foi chamada.

FPT — Essa legitimidade de que falas foi referida pelo Secretário da Federação Espanhola de Tiro Olímpico em relação ao Torneio Ibérico...

P.P. — O Torneio Ibérico foi como que um exame final dos nossos Juízes de Tiro, para quem foi remetida a total responsabilidade da condução do torneio, incluindo as classificações, que constituem um aspecto extremamente importante, já que se trata de ordenar os atiradores de acordo com as suas prestações. O Secretário Geral da FETO abordou efectivamente esse aspecto em termos muito elogiosos durante o jantar de encerramento do Torneio Ibérico, o que é gratificante para quem se empenhou da forma como os Juízes de Tiro o fizeram.

FPT — Em termos de futuro o que pensas fazer em relação à CNJT?

P.P. — O primeiro curso de juízes foi feito em Lisboa, e naturalmente que todos os Juízes que dele emanaram são desta zona. É indispensável, por razões óbvias de uniformidade de critérios, que sejam realizados cursos noutras Regiões, afim de garantir que as provas sejam conduzidas de igual modo, estando já programado para Julho próximo, um curso de Juízes/Árbitros no Porto. Vão assim nascer Delegações Regionais, o que aliás está previsto nos Estatutos, por forma a ir progressivamente cobrindo todo o País.

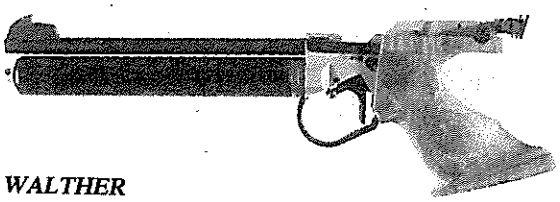
É ainda oportuno salientar o apoio que tem sido dado à CNJT pela FPT, inclusive em termos económicos, caminhando-se para uma situação em que a modalidade estará estruturada como de há muito se sentia a necessidade.

E foi tudo...

WALTHER OU FEIN?
Uma escolha difícil...

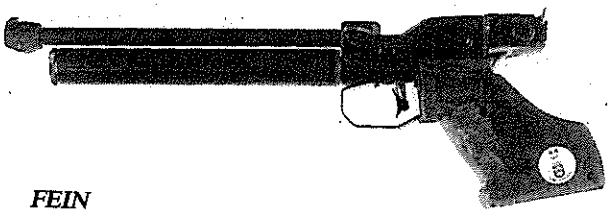
No passado mês de Fevereiro, durante o Campeonato da Europa de Ar Comprimido, tive ocasião de verificar as preferências dos atiradores presentes em matéria de pistolas.

A Feinwerbau CO2 e a Walther CO2, com clara predominância da primeira, eram por assim dizer os únicos modelos presentes.



WALTHER

É claro que Ragnar Skanaker, o multi-campeão sueco (que se classificou em 2.º lugar) atirou com uma Crossman-Skanaker e Vicenzo Tondo, da Itália, com uma Pardini — com a qual passou de 8.º para 5.º na final e que «debitava» 170 m/s de velocidade inicial, apesar de ser de ar pré-comprimido.



FEIN

A questão que se me pôs foi a razão da preferência pela Fein em relação à Walther e, sobre o assunto, pretendo fazer alguns comentários que possam contribuir para uma opção futura, apoiando-me nas óptimas fotografias de Paulo Mendonça.

Ambas as armas são oriundas de um mesmo protótipo austríaco e — como bem dizia Brémond num seu artigo recente inserto nos *Cahiers du Pistolier et du Carabinier* — se a Fein recolheu a parte de leão quando da divulgação das duas pistolas, não foi com certeza por diferença de qualidade.

Por que foi, então?

Troquei impressões com alguns treinadores e atiradores presentes — incluindo os nossos José Pena, Henrique Alves, Guilherme Allen e Maria Isabel Chitas — mas não achei os argumentos convincentes.

Uns achavam que a Fein tinha melhor assistência (e de facto lá estavam os mecânicos da fábrica de volta das espingardas e das pistolas, dispondo ainda por cima de uma maquineta para medir a velocidade inicial dos projécteis que fez as delícias de toda a gente), outros entendiam que era mais rápida do que a Walther, outros preferiam o gatilho desta última, enfim, opiniões desencontradas quando não contraditórias.

Na minha opinião, há fundamentalmente uma razão «histórica» para a preferência dada à Fein: nos bons tempos do ar pré-comprimido, a Feinwerkbau era a única arma competitiva, com excepção da Pardini-Fiocchi e, com os modelos 65 e 80, dominou como quis a disciplina. E claro que, tendo-se mantido certas características familiares, como o sistema de miras e tratando-se de uma marca consagrada, muitos atiradores preferiram a evolução na continuidade...

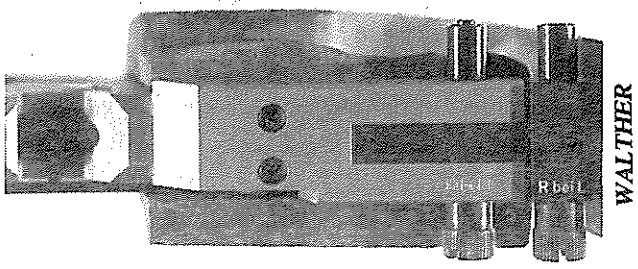
Vejamos alguns aspectos importantes, comparando-os nos dois modelos (sem rigores micrométricos, que remeto para os catálogos):

1. **Miras**

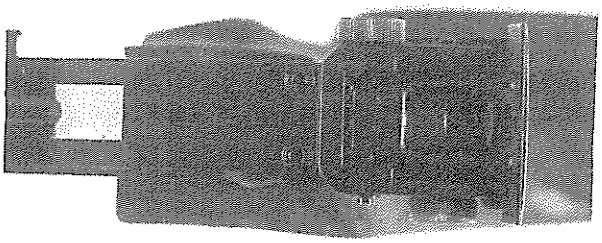
A Fein é fornecida com o seu sistema tradicional, mira posterior regulável, mas pouca profunda.

A Walther oferece a possibilidade de escolha entre três medidas de ranhura de mira, com uma chapa larga e suficientemente profunda, muito cómoda.

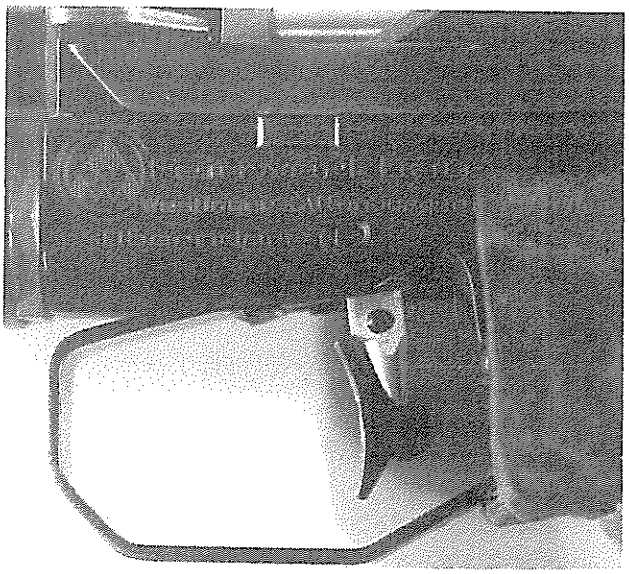
Outro aspecto: as miras da Fein são quase verticais, enquanto as da Walther são inclinadas, o que evita muitas contrariedades com luz vinda de cima — e todos os grandes stands de ar comprimido são, actualmente... ginásios.



WALTHER



FEIN



A Walther, cujo corpo termina mais à frente, permite que a mão suba mais e fique debaixo da montagem da mira posterior conseguindo-se uns 2,5 cm com um punho bem inclinado (120°).

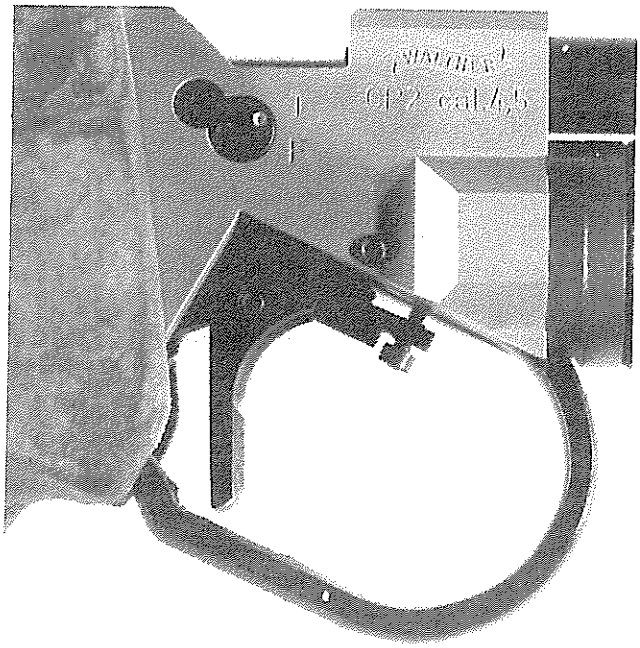
Um ponto para a Walther.

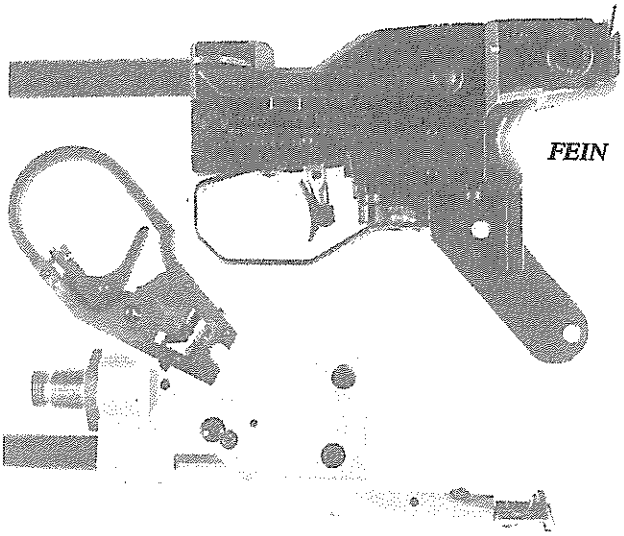
2. Mecanismo de disparar

Impecável em ambas as armas, permite todas as regulações habituais, incluindo pôr o peso quase totalmente na folga, o que constitui uma vantagem para um disparo rápido.

Quanto à montagem, o mecanismo da Fein é integrado enquanto na Walther constitui um grupo removível, o que permite a sua substituição imediata.

Proponho um empate.





FEIN

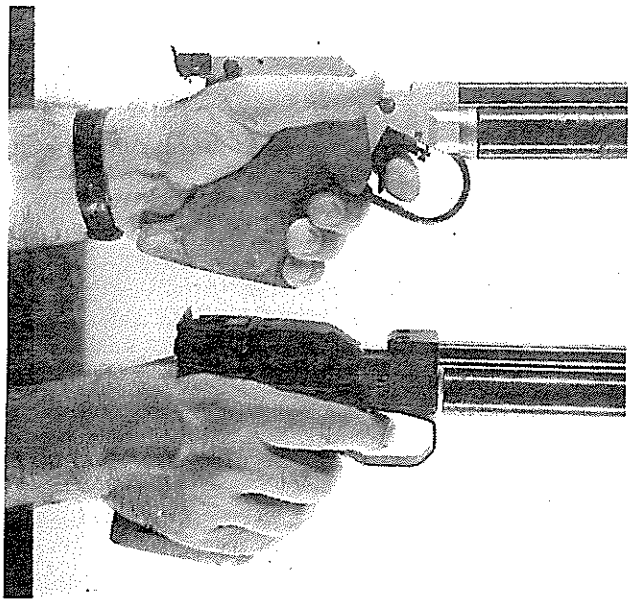
WALTHER

A Fein utiliza uma cauda de gatilho tipo espingarda, regulável em todos os sentidos enquanto a Walther usa uma causa de gatilho tipicamente pistoleira, «propondo» um punho inclinado para que as curvas do gatilho e da forquilha polegar-indicador fiquem em clara oposição.

3. Punho

Quanto ao punho, a Fein continua a apresentar uma estrutura metálica na parte superior, o que retira capacidade de manobra no sentido vertical e na inclinação. O punho de fábrica é, no entanto, aceitável.

A Walther, como disse quando me referi às miras, termina mais cedo, tendo a montagem da mira posterior prolongada para trás, o que permite uma grande liberdade na construção dos punhos. O punho de fábrica não é desagradável, embora demasiado estreito na forquilha.



Deixo este aspecto para ser classificado pelo leitor. Pessoalmente prefiro o sistema Walther, pois atirando à esquerda tenho irremediavelmente de fazer os meus próprios punhos.

4. **Equilíbrio**

Quanto ao equilíbrio (ou balanço, se preferirem) ambas as pistolas têm o centro de gravidade colocado à frente do guarda-mão.

Contudo, a concepção da Fein faz com que a pistola fique toda «para a frente» da mão, um inconveniente para os atiradores e atiradoras menos fortes.

Na Walther, a mão entra mais uma vez na arma, o que torna o equilíbrio mais fácil.

Mais um ponto para a Walther.

5. **Propulsão**

O sistema é idêntico, por percussão de válvula de escape e um cilindro de CO_2 que permite, com uma regulação média, 250 disparos sem alteração nos dois modelos.

Também nos dois modelos é possível a regulação da força de percussão, donde aumentar ou diminuir a velocidade inicial o que, claro, pode diminuir ou aumentar, portanto numa razão inversa, o número de disparos sem mudar o cilindro.

Novo empate.

6. **Assistência**

A assistência da Fein aos atiradores é impecável. Em todas as grandes competições lá está a equipa técnica dando o necessário apoio.

A assistência Walther é mais discreta, embora também sempre presente. Mas «a imagem de marca da Fein», como lhe chamou José Pena na Noruega, é de facto impressiva.

Apenas um desfavor em relação à Fein: não tem representante em Portugal. Assim mesmo, proponho desta vez um ponto para a Fein.

É claro que há simpatias pessoais contra as quais não há argumentação possível.

Dois atiradores de grande nível e de uma mesma equipa, os soviéticos Bassinsky e Melentiev usam um a Fein e outro a Walther.

O que não se deve é tomar o aparente pelo real, produzindo afirmações sobre esta ou aquela característica de uma ou de outra das duas pistolas que, afinal... reside na afinação de uns quantos parafusos.

Concluo aconselhando os futuros compradores a estudarem não só estas mas todas as armas que pretendam adquirir, falando com atiradores que efectivamente as conheçam e, como sempre, desejando

Bons tiros!

JOSÉ LOUREIRO

FAÇA A SUA PUBLICIDADE NESTE ESPAÇO

Vamos a contas...

Resultados do XXI Torneio Ibérico (Lisboa, 19 a 23 de Maio 88)

PISTOLA AR COMPRIMIDO

Seniores

1.º — **Guilherme ALLEN, POR, 579 (Rc. Nacional)**
2.º — **José PENA, POR, 569**
3.º — Francisco MURCIA, ESP, 568
4.º — Jaime VIÑAS, ESP. 567
5.º — Andres CAMPILLO, ESP, 561
6.º — **António COSTA, POR, 558**

POR EQUIPAS

1.ª — **POR, 1.706**
2.ª — ESP, 1.696

Juniores

1.º — Alberto ARECES, ESP, 569 (Rc. Espanha)
2.º — Francisco SANZ, ESP, 548
3.º — **Luís CHITAS, POR, 510**

Seniores — Senhoras

1.ª — **Isabel CHITAS, POR, 372**
2.ª — Carmen ESPASA, ESP. 365
3.ª — Conchita BENITO, ESP, 365
4.ª — **Ana CONDEÇA, POR, 359**
5.ª — Ana BUENDIA, ESP, 358
6.ª — **Ana FERNANDES, POR, 327**

POR EQUIPAS

1.ª — ESP, 1084
2.ª — **POR, 1058**

Juniores

1.ª — **Ana NETO, POR, 359**
2.ª — Raquel AVILA, ESP, 359
3.ª — Paloma BERNAL, ESP, 356

PISTOLA LIVRE

Seniores

1.º — Andres CAMPILLO, ESP, 542
2.º — **Guilherme ALLEN, POR, 536**
3.º — **Francisco NETO, POR, 535**
4.º — **José PENA, POR, 534**
5.º — Nicolas TAMARGO, ESP, 532
6.º — Francisco MURCIA, ESP, 531

POR EQUIPAS

1.ª — ESP, 1605
2.ª — POR, 1605

Juniores

1.º — Alberto ARECES, ESP, 531
2.º — Francisco Sanz, ESP, 504

PISTOLA DE VELOCIDADE

1.º — J. Joaquim RUIZ, ESP, 587
2.º — Roberto MUELAS, ESP, 581
3.º — Eduardo FERNANDEZ, ESP, 575
4.º — **Francisco NETO, POR, 574**
5.º — **António ANTUNES, POR, 565**
6.º — **José PEGO, POR, 563**

POR EQUIPAS

1.ª — ESP, 1743
2.ª — **POR, 1702**

PISTOLA SPORT

Seniores

1.ª — **Isabel CHITAS, POR, 573**
2.ª — Carmen ESPASA, ESP, 567
3.ª — Paloma BERNAL, ESP, 557
4.ª — **Ana FERNANDES, POR, 556**
5.ª — Ana BUENDIA, ESP, 541
6.ª — **Ana CONDEÇA, POR, 503**

POR EQUIPAS

1.ª — ESP, 1665
2.ª — **POR, 1632**

Juniores

1.ª — Raquel AVILA, ESP, 564
2.ª — **Ana NETO, POR, 557**

ESPINGARDA DEITADO

Seniores

1.º — Luís IGLÉSIAS, ESP, 596
2.º — **Ricardo AVELAR, POR, 591**
3.º — Fernando GARCIA, ESP, 590
4.º — Miguel PARREÑO, ESP. 590
5.º — **Sérgio COSTA, POR, 586**
6.º — **Mário SERAFIM, POR, 582**

POR EQUIPAS

1.ª — ESP, 1775
2.ª — **POR, 1759**

Juniores

1.º — Luís SAN MIGUEL, ESP, 590
2.º — Jorge ENCINAS, ESP, 589
3.º — Guilherme MARTINS, POR, 584
4.º — Amado RAMOS, ESP, 582
5.º — **Pedro VENÂNCIO, POR, 577**
6.º — **Pedro CABRITO, POR, 564**

POR EQUIPAS

1.ª — ESP, 1761
2.ª — **POR, 1725**

Seniores — Senhoras

1.ª — **Helena PONTES, POR, 588 (Rc. Nacional)**
2.ª — Glória GONZALEZ, ESP. 583
3.ª — **Teresa ALMEIDA, POR, 580**
4.ª — Rosa BORONAT, ESP, 575
5.ª — Victória FRONTERA, ESP, 571
6.ª — **Eduarda SANTOS, POR, 569**

POR EQUIPAS

1.ª — **POR, 1737 (Rc. Nacional)**
2.ª — ESP, 1729

Juniores

1.ª — Nieves FERNANDEZ, ESP, 581
2.ª — Fátima GONZALEZ, ESP, 581
3.ª — **Carla RIBEIRO, POR, 577 (Rc. Nacional)**
4.ª — Ana DIAZ, ESP, 573
5.ª — **Sandra MONTEIRO, POR, 569**
6.ª — **Cláudia MAGUEIJO, POR, 545**

POR EQUIPAS

1.ª — ESP, 1735
2.ª — **POR, 1691 (Rc. nacional)**

ESPINGARDA AR COMPRIMIDO

Seniores — Homens

1.º — Miguel GARCIA, ESP, 566
2.º — **Mário SERAFIM, POR, 566**
3.º — **Raul SAYANDA, POR, 561**
4.º — Juan ROMERO, ESP, 559
5.º — Luís JORRETO, ESP, 549
6.º — Gustavo BILTES, POR, 547

POR EQUIPAS

1.ª — ESP, 1674
2.ª — POR, 1674

Juniores

1.º — Miguel TAJUELO, ESP, 579 (Rc. Espanha)
2.º — Jorge ENCINAS, ESP, 575
3.º — Andres SUTIL, ESP, 562
4.º — José COSTA, POR, 536
5.º — Nuno CARDOSO, POR, 535
6.º — Guilherme MARTINS, POR, 520

POR EQUIPAS

1.ª — ESP, 1726
2.ª — POR, 1511

Seniores — Senhoras

1.ª — Glória GONZALEZ, ESP, 368
2.ª — Rosa BORONAT, ESP, 362
3.ª — Victória FRONTERA, ESP, 358
4.ª — Eduarda SANTOS, POR, 354
5.ª — Odete COELHO, POR, 347
6.ª — Teresa ALMEIDA, POR, 337

POR EQUIPAS

1.ª — ESP, 1088
2.ª — POR, 1038

Juniores

1.ª — Nieves FERNANDEZ, ESP, 381 (Rc. Espanha)
2.ª — Carla RIBEIRO, POR, 371
3.ª — Ana DIAZ, ESP, 361
4.ª — Fátima GONZALEZ, ESP, 355
5.ª — Anabela GUEDES, POR, 346
6.ª — Sandra MONTEIRO, POR, 320

POR EQUIPAS

1.ª — ESP, 1097
2.ª — POR, 1037

ESPINGARDA 3 POSIÇÕES

Seniores — Homens

1.º — Miguel GARCIA, ESP, 1118
2.º — Raul SAYANDA, POR, 1115
3.º — Gustavo BILTES, POR, 1105
4.º — Juan ROMERO, ESP, 1104
5.º — Francisco GOMEZ, ESP, 1101
6.º — Mário SERAFIM, POR, 1088

POR EQUIPAS

1.ª — ESP, 3323
2.ª — POR, 3308

Juniores

1.º — Jorge ENCINAS, ESP, 573 (Rc. Espanha)
2.º — Luís SAN MIGUEL, ESP, 564
3.º — Amado RAMOS, ESP, 543

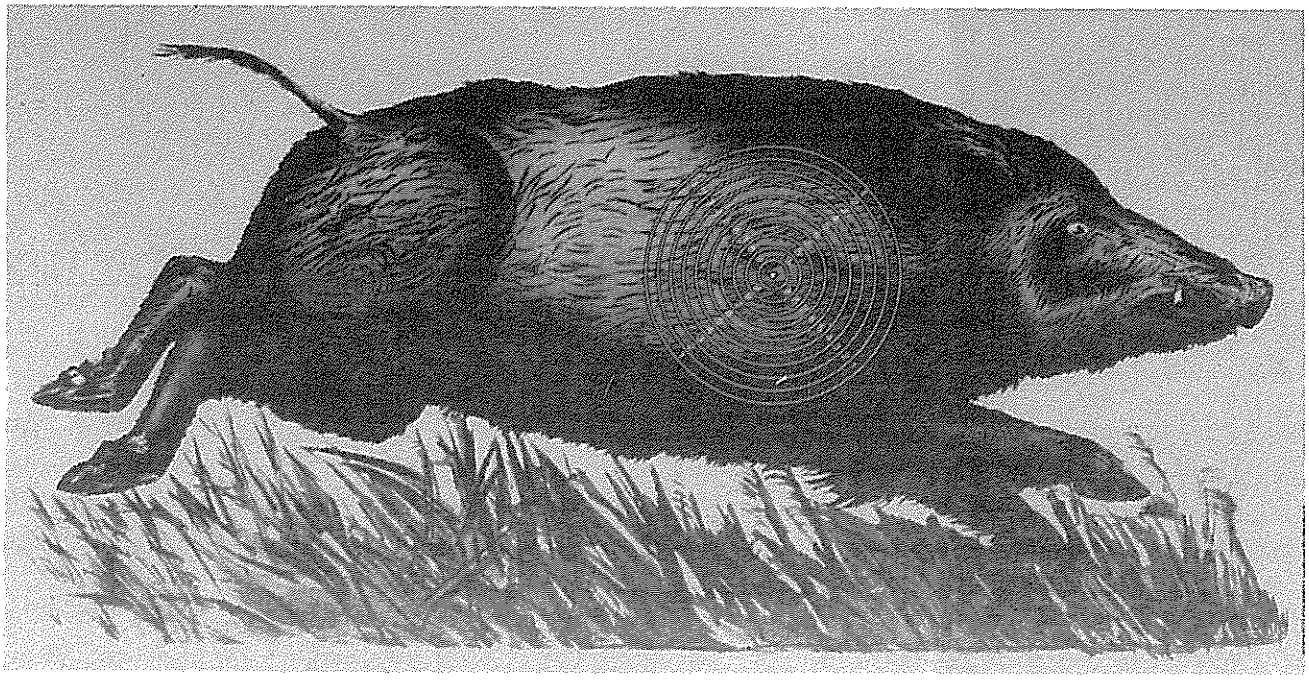
Seniores — Senhoras

1.ª — Rosa BORONAT, ESP, 532
2.ª — Eduarda SANTOS, POR, 531
3.ª — Victória FRONTERA, ESP, 530
4.ª — Glória GONZALEZ, ESP, 526
5.ª — Graça OSÓRIO, POR, 393

Juniores

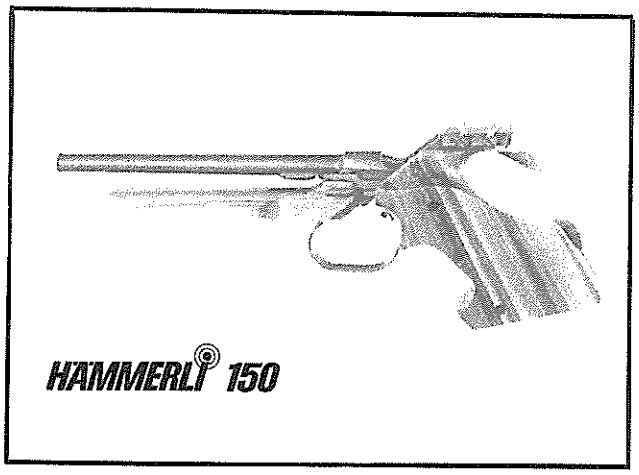
1.ª — Carla RIBEIRO, POR, 546
2.ª — Cristina PASSOS, POR, 501
3.ª — Anabela GUEDES, POR, 489
4.ª — Sandra MONTEIRO, POR, 479

... Brevemente na Carreira de Tiro do Estádio Nacional

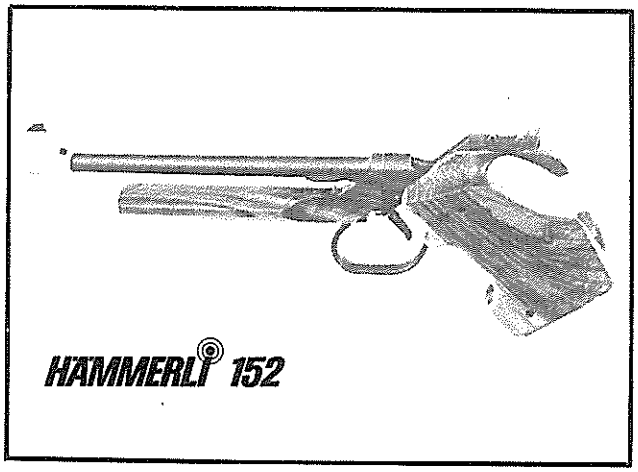


HÄMMERLI

PISTOLA LIVRE

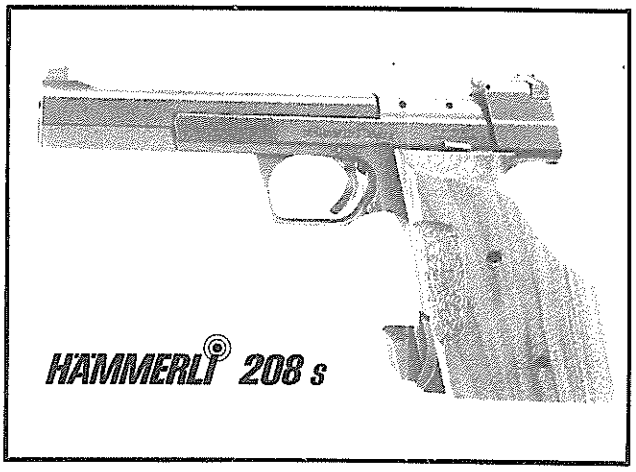


Cal. 22 LR



Cal. 22 LR

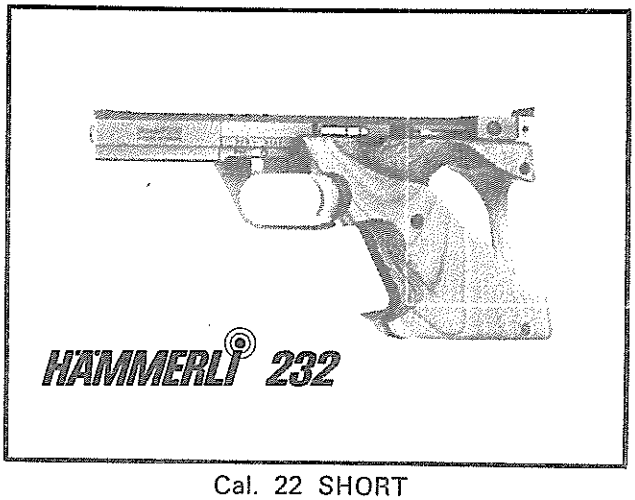
PISTOLA STANDARD E SPORT



Cal. 22 LR

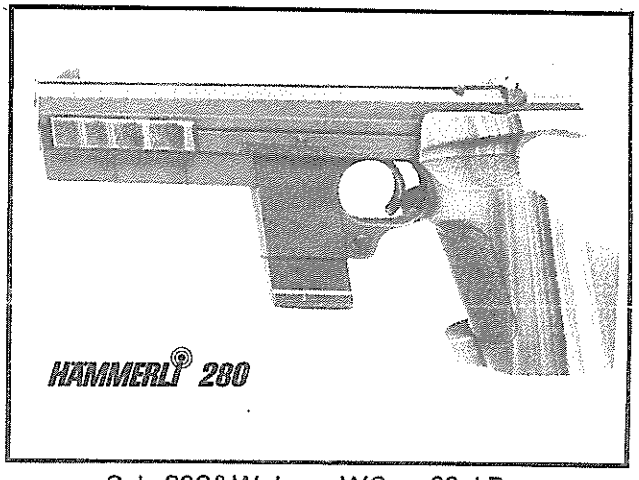
Cal. 22 LR

PISTOLA DE VELOCIDADE



Cal. 22 SHORT

PISTOLA GROSSO CALIBRE



Cal. 32S&W Long WC e 22 LR

I.T.B. — COMÉRCIO INTERNACIONAL, LDA.
Rua Actor Isidoro, 3-C, 1.º Esq. — 1900 LISBOA — Telef. 80 78 78 — Telex 13 246 P

Resultados da Taça do Mundo de Munique (30 de Maio — 5 de Junho 88)

ESPINGARDA AR COMPRIMIDO

Homens

1.º — Tapio SAYNEVIRTA, FIN, 594/699,1
2.º — Eun LEE, KOR, 593/696,1
3.º — Nicolas BERTHELOT, FRA, 595/695,9

Senhoras

1.ª — Anna MALOUKHINA, URS, 395/499,1
2.ª — Silvia SPERBER, FRG, 393/497,5
3.ª — Wesela LETSCHEVA, BUL, 394/497,4

ESPINGARDA TRÊS POSIÇÕES

Homens

1.º — Robert FOTH, USA, 1175/1276,0
2.º — Kirill IVANOV, URS, 1175/1274,9
3.º — Mart KLEPP, CAN, 1177/1274,9

Senhoras

1.ª — Ana MALOUKHINA, URS, 592/688,8
2.ª — Launi MEILI, USA, 586/684,7
3.ª — Wesela LETSCHEVA, BUL, 587/683,1

ESPINGARDA DEITADO

Homens

1.º — Pavel SOUKENIK, TCH, 598/702,5
2.º — Vladimir LVOV, URS, 597/702,1
3.º — Attila ZAHONYI, HUN, 598/701,8
78.º — Mário SERAFIM, POR, 581

Senhoras

1.ª — Hye LEE, KOR, 598
2.ª — Carmen GIESE, FRG, 596
3.ª — Nonka MATOVA, BUL, 596

PISTOLA AR COMPRIMIDO

Homens

1.º — Igor BASSINSKI, URS, 589/698,9
2.º — Jerzi PIETRZAK, POL, 587/688,0
3.º — Haifeng XU, CHN, 586/687,1
59.º — José PENA, POR, 563

Senhoras

1.ª — Marina DOBRANTCHEVA, URS, 388/488,4
2.ª — Nina SALOUKVADZE, URS, 386/488,0
3.ª — Cris KAJD, SWE, 386/488,0
51.ª — Isabel CHITAS, POR, 363

PISTOLA LIVRE

1.º — Igor BASSINSKI, URS, 566/664,0
2.º — Gyula KARACSONY, HUN, 562/658,0
3.º — Ragnar SKANAKER, SWE, 566/658,0
44.º — José PENA, POR, 549

PISTOLA VELOCIDADE

1.º — Ralf SCHUMANN, GDR, 595/694,0
2.º — Hans SCHNEIDER, SUI, 596/693,0
3.º — Laszlo ORBAN, HUN, 595/692,0

PISTOLA SPORT

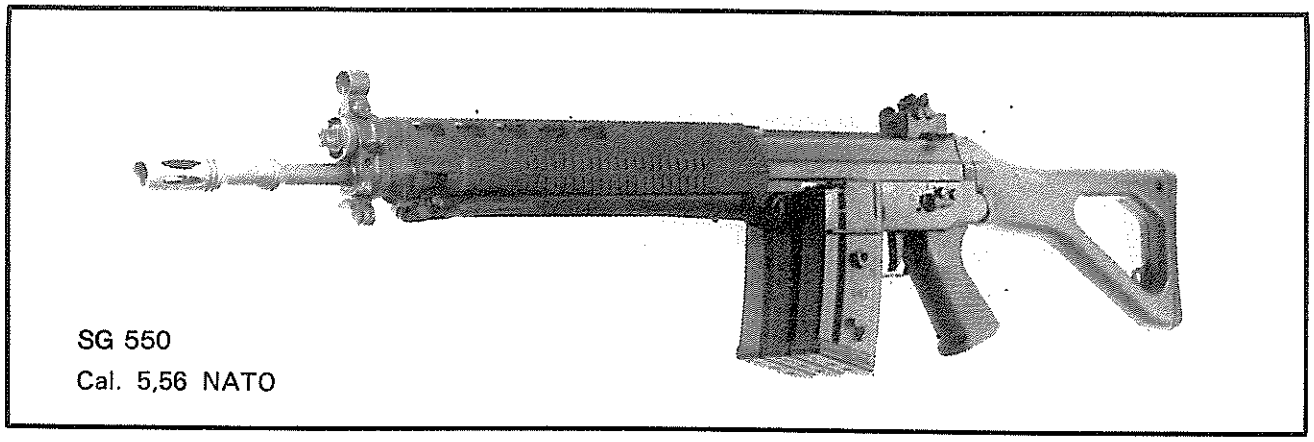
1.ª — Marina DOBRANTCHEVA, URS, 594/694,0
2.ª — Nina SALOUKVADZE, URS, 589/688,0
3.ª — Evelyne MANCHON, FRA, 589/688,0
43.ª — Isabel CHITAS, POR, 564

JAVALI

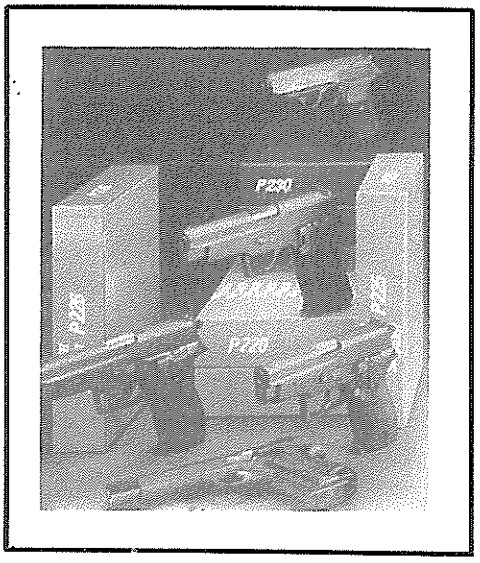
1.º — Sergei LOUZOV, URS, 591/689,0
2.º — Attila SOLTI, HUN, 592/688,0
3.º — Jan KERMIET, TCH, 589/684,0

FAÇA A SUA PUBLICIDADE NESTE ESPAÇO

SIG

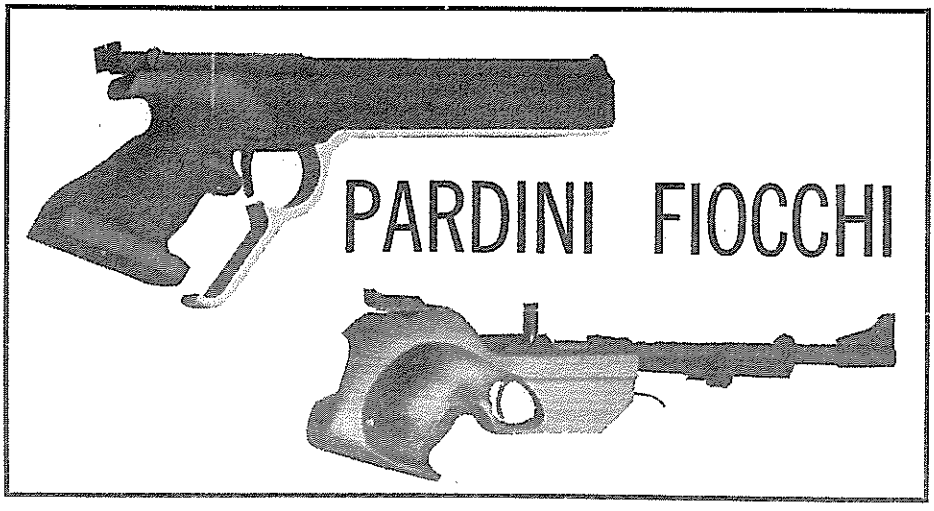


SIG

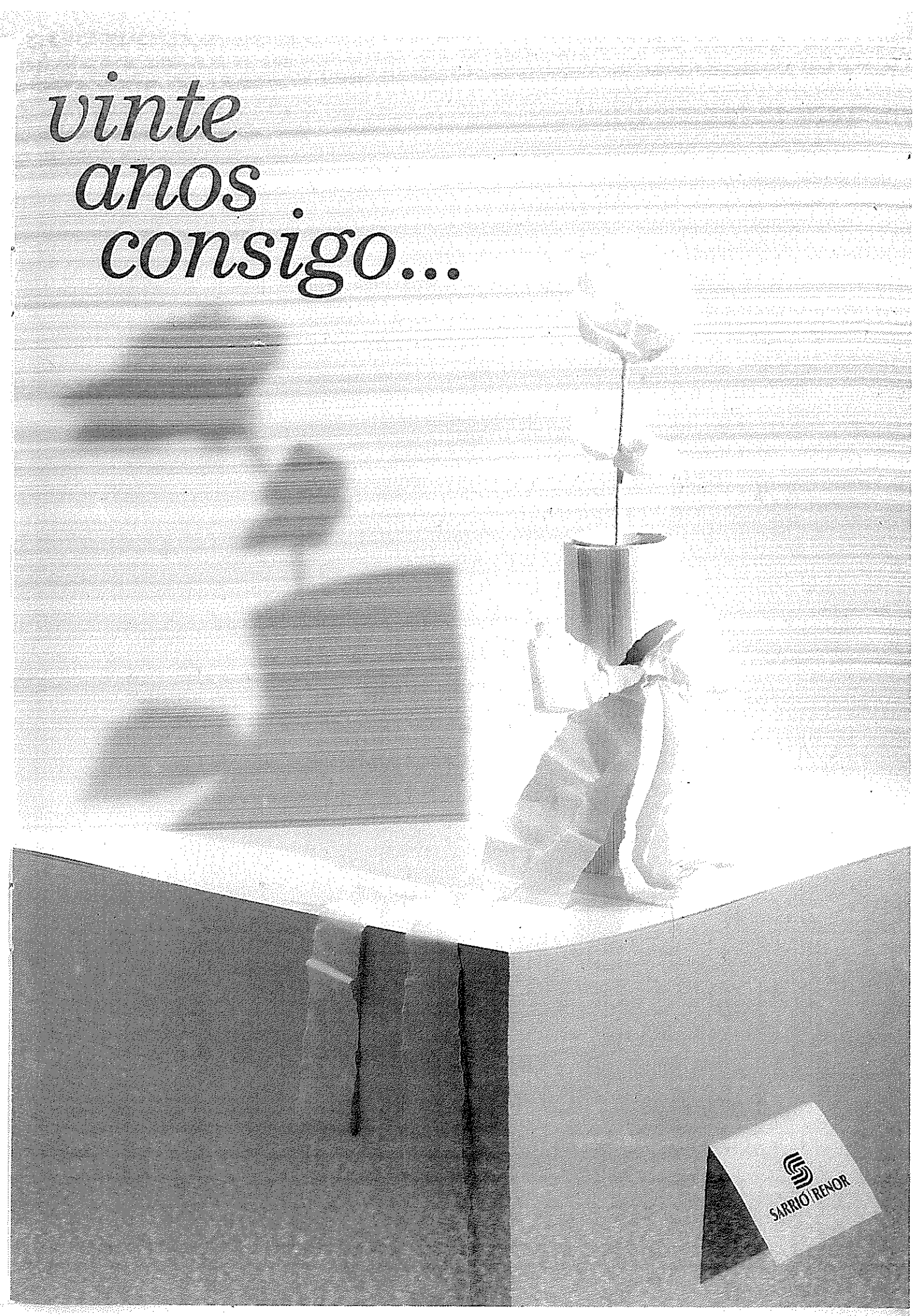


SIG

ARMAS E MUNIÇÕES



I.T.B. — COMÉRCIO INTERNACIONAL, LDA.
Rua Actor Isidoro, 3-C, 1.° Esq. — 1900 LISBOA — Telef. 80 78 78 — Telex 13 246 P

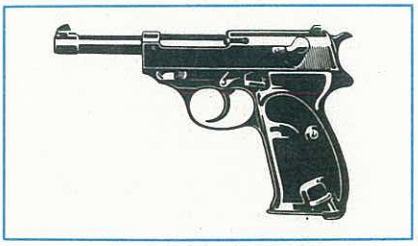

vinte
anos
consigo...
SARAIVA RENOR

Mod. TPH cal. 6,35 22 LR

Mod. PP cal. 22 LR 7,65

Mod. PPK cal. 7,65

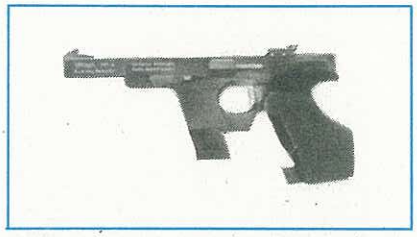
Mod. P5 cal. 7,65



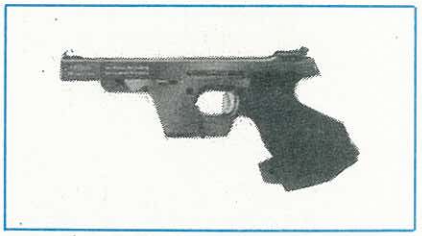
Mod. P 38 cal. 7,65

Mod. P 88 cal. 9 mm.

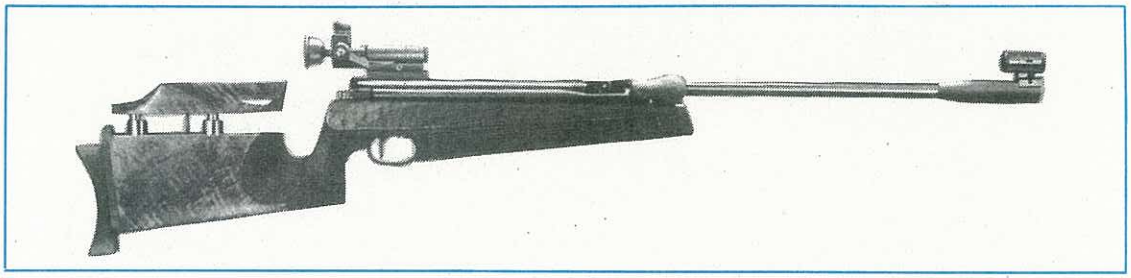
Mod. CP2 - Match cal. 4,5 mm CO_2



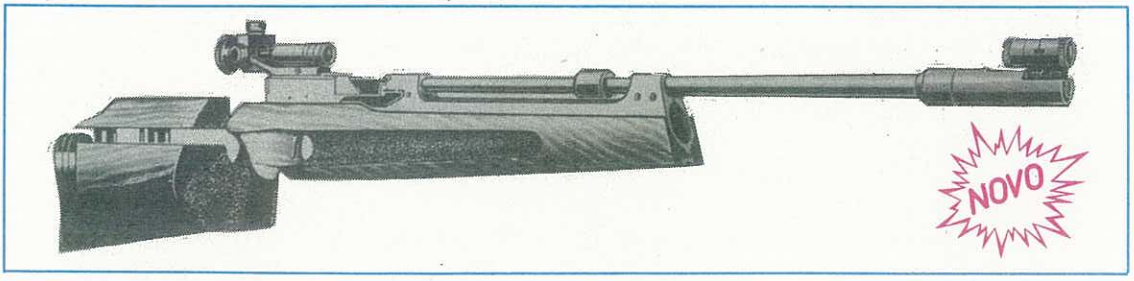
Mod. GSP cal. 32 S & W Wadcutter



Mod. OSP cal. 22 short - Match



Mod. LGR/LGR Match/LGR Match Universal - cal. 4,5 mm



Mod. CG 90 - cal. 4,5 mm - CO_2

A. Montez — Praça D. João da Câmara, 3 e 4, 1.º Dt.º — 1200 LISBOA